

Uma Lição Para o Profeta

Chegamos ao último capítulo do livro de Jonas. No primeiro vimos o profeta escolhendo desobedecer a ordem recebida pelo Senhor; no segundo, ele, no fundo do poço, reconhecendo a soberania de Deus e o seu pecado; no terceiro, obedeceu ao mandado indo à cidade de Nínive, alertando-os da destruição que sofreriam se não se voltassem aos preceitos do Senhor. Os ninivitas mudaram de caminho, se humilharam e clamaram ao Senhor, que resolveu poupá-los da destruição. Aqui, no quarto capítulo, nos deparamos com um profeta inconformado e entristecido pela não desgraça à Nínive.

Jonas tem uma reação de inconformidade e desgosto tão grande que até pediu que lhe fosse tirada a vida. Em nenhum momento se alegrou por ter obtido sucesso em sua pregação. Temos exemplos de outros tantos profetas que gritavam pelas cidades alertando o povo e ainda foram presos e humilhados, como Jeremias. Jonas arrumou umas folhas e se acomodou para ver a desgraça daquele povo inimigo. Não satisfeito, reclama da bondade do Senhor. Antes de apenas criticá-lo, refletamos sobre os nossos comportamentos.

“Bandido bom é bandido morto”. Já ouviu essa frase? Já pensou nisso? Já pronunciou esse pensamento? Que diferença faz com a atitude de Jonas? Nenhuma. O pecado que habita em nós, torna-nos pessoas más. Freud, em seu livro “o mal-estar na civilização”, fala sobre

“amarás ao próximo como a ti mesmo”, como uma exigência do cristianismo, diz:

“A máxima que me impõe deveres para cujo cumprimento devo estar preparado e disposto a efetuar sacrifícios. Se amo uma pessoa, ela tem de merecer o meu amor de alguma maneira (...) meu amor é valorizado por todos os meus como sinal de minha preferência por eles, e seria injusto para com eles colocar um estranho no mesmo plano em que estão.” (p.64,65)

Colocamos amor naquilo que nos apraz, que nos faz bem, jamais nos inimigos. Ainda na nota de rodapé, Freud, cita Heine:

“Se Deus quiser tornar completa a minha felicidade, me concederá a alegria de ver seis ou sete de meus inimigos enforcados nessas árvores. Antes da morte deles, eu, tocado em meu coração, lhes perdorei todo o mal que em vida me fizeram. Deve-se, é verdade, perdoar os inimigos – mas não antes de terem sido enforcados.” (rodapé, p.66)

Quantas vezes o nosso amor também não está condicionado a alguma benesse própria? Entender esse amor de Deus não faz sentido na nossa pequenez. Jesus diz aos discípulos que devem dar a outra face, andar duas milhas e amar os inimigos, que a diferença está no amor semelhante ao do Senhor, que “amou o mundo de tal maneira que deu o seu filho unigênito, para que todo aquele que nele crer, não pereça, mas tenha a vida eterna”

(Jo.3.16). Sim, o apóstolo Paulo reconheceu isso em sua Carta aos Romanos que o amor de Deus é loucura, confunde as coisas que são pelas que não são. Amor incondicional. E foi isso que aconteceu aos ninivitas. A misericórdia do Senhor os alcançou. A Jonas também.

O profeta deitado esperava pela destruição que não aconteceu, ranzinza e rabugento, reclamou com Deus e continuou ali deitado. O Senhor, por Sua misericórdia, fez crescer uma planta que dava sombra a cabeça de Jonas, a fim de livrá-lo do desconforto.

De repente a planta morreu. Mais uma vez Jonas ranzinza, reclama e lamenta a morte da planta. O Senhor pergunta se aquela ira por causa de uma planta era razoável. Veja como o egoísmo mais uma vez aparece: “é razoável a minha ira te a morte!” (v.9). A planta estava lhe fazendo bem, era um amor condicional. Se estiver servindo aos meus anseios, meus benefícios, ótimo. Se não estiver, resta a morte.

Se o Senhor tratasse-nos da mesma maneira que Jonas, com certeza não restaria uma alma viva. Bem disse o profeta Jeremias em suas lamentações: “As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos, pois elas se renovam a cada manhã” (Lm. 3,22).

Apontar o dedo pra Jonas é fácil quando não somos nós os convocados para pregar para os nossos inimigos, falar ds bênçãos do Senhor aos corruptos, aos bandidos, estupradores, assassinos, perseguidores entre outros. Com este livro, podemos e devemos fazer uma reflexão do nosso comportamento, dos nossos pensamentos que divergem da Palavra.

Que o Senhor nos ajude a termos um coração moldado por Ele, onde, aprendamos a amar como Ele, que nos amou primeiro.

Referências bibliográficas

Bíblia de Estudo Cronológica e Aplicação Pessoal.

Bíblia Anotada

Bíblia Arqueológica

Freud, Sigmund. O mal-estar na civilização. Rio de Janeiro: editora Imago, 2002.